

## Experiências didáticas com o teatro de sombras

Julie Cristie Knabben

Este artigo trata da experiência dos graduandos do curso de Licenciatura em Artes Cênicas da UDESC, que durante três meses colocaram a teoria em prática, num projeto facilitado pela universidade. Traz um resumo da trajetória do teatro de sombras do oriente para o ocidente com o título: “Do Oriente à sala de aula”. Esclarecendo as implicações desta passagem, refletindo as transformações culturais e as maneiras de aplicação didática da linguagem. O processo de trabalho realizado na oficina é descrito através das metodologias aplicadas e sua análise, bem como uma conclusão sobre os resultados obtidos.

nupeart  
Núcleo Pedagógico de Educação e Arte



### Do Oriente à sala de aula

Pensar o Teatro de Formas Animadas, mais especificamente o Teatro de Sombras é também refletir sobre o brincar, sobre o lúdico; afinal, animar um objeto é lhe conferir alma, dar-lhe vida. O ato de brincar envolve tanto as crianças

quanto aqueles que se deixam penetrar neste mundo de sonhos em que tudo se torna possível: a infância.

Este relato faz parte da experiência didática propiciada pela Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, dentro do projeto NUPEART. Neste caso, a “brincadeira” é mediada pelos professores / alunos na sala de aula, e faz-se necessária sua reflexão, em função de uma contribuição para os que darão continuidade ao trabalho e aqueles que têm interesse em difundir o ensino e a compreensão da arte no contexto escolar.

No Teatro Infantil, a responsabilidade em se fazer algo de qualidade é ainda maior. Neste sentido, muito do que é produzido no teatro feito para crianças não possui essa clareza, talvez tenha a intenção, mas acaba por subestimar o poder cognitivo e criativo das mesmas. E não são apenas as crianças a se sentirem fascinadas, muitos adultos também ficam deslumbrados diante da fantasia trazida pelo teatro de sombras. Porém, este caráter lúdico remete à tradição, e com ela, elaboração e precisão técnica.

Estudiosos datam o surgimento do teatro de sombras de dois há três mil anos, marcando este tipo de representação, como integrante e sobrevivente das tradições populares do Oriente. Como a maioria das expressões culturais que atravessam o mundo e saem de seu contexto, o teatro de sombras também foi modificado ao chegar às civilizações ocidentais.

No oriente o teatro de sombras está intimamente ligado ao teatro cantado e dançado por atores, e as exigências sobre o trabalho do manipulador são imensas, levando toda uma vida para aprender e tornar-se um “profissional” desta arte.

Vindo à nossa realidade diríamos que uma pessoa que dedica seu tempo ao trabalho com o teatro de sombras, é também considerado um profissional, mesmo que, batalhando por espaço e reconhecimento no meio teatral, e não sendo subsidiado pelo governo, que valoriza e estimula o fortalecimento de sua cultura, como acontece na China.

Nesta passagem ao Ocidente, o teatro de sombras adquiriu uma gama de possibilidades expressivas, transformando aquela tradição e construindo outra, mais condizente à nossa híbrida cultura.

Na China a lâmpada de luz branca é fixa no alto da tela, enquanto aqui, se percebeu que ao mover o foco de luz, era possível a deformação de uma única silhueta em outras formas distintas.

As silhuetas chinesas são manipuladas junto da tela, enquanto as ocidentais, foram descoladas da tela, tomando diferentes proporções. O mesmo acontece quanto ao tamanho das telas, de grandes com quase dois metros de altura, se passou a utilizar diferentes telas com formas e tamanhos específicos para cada proposta estética.

Assim como, a liberdade nas temáticas trabalhadas, fez com que, os ensinamentos das lendas orientais, essencialmente difundidas em suas manifestações artísticas, fizesse-nos buscar em nossa cultura a melhor maneira de traduzi-las, e a possibilidade de variar os temas.

A grandeza do universo da sombra traz a cada experiência novas possibilidades, e isso faz desta forma teatral um instrumento fundamental para refletirmos sobre a educação através da arte. Como escreveu Bachelard, ao comentar sobre o “elemento” sombra: “porque buscar a dialética das

idéias, quando se tem no coração de um simples fenômeno a dialética dos seres?” (BACHELARD apud LESCOT, 1986, p. 226).

Refletindo assim a grande questão humana: da transformação de tudo que é vivo. E como a sombra ganha vida no momento em que é projetada, é passível também transformar-se e assumir papéis distintos.

*As sombras evocam a fragilidade, o cômico da vida, o carinho pelos destinos que podem se quebrar como cascas de ovos. Ao mesmo tempo, elas contêm a força da liberdade, do humor, da ironia, do riso. Elas deslizam entre as grades, escapando dos torturadores, dos atormentados.... (LESCOT, 1986 p.227).*

Nas palavras de Lescot, podemos ver afinal, como matéria viva, mesmo que por instantes, a sombra é poesia, utiliza uns símbolos e decifra outros. É descoberta, é pesquisa, é experimentação, é conhecimento; é buscar novas maneiras de se expressar, de dizer, de tocar.

## O Processo de Trabalho

Estimulados pela coordenadora da oficina de artes cênicas do NUPEART, professora Maria de Fátima de Souza Moretti, colocamos em prática uma vontade comum: trabalhar a linguagem do teatro de sombras.

Apesar de não fazer parte das obrigações curriculares, as crianças procuram a oficina não só pelo interesse na proposta, mas também, pelo contato com a estrutura física da universidade e com os materiais, além de, uma alternativa produtiva nos horários extra-escolares.

O trabalho na oficina de sombras foi iniciado em doze de agosto de 2003, com um primeiro

contato sobre o teatro de sombras. A maioria das crianças referiu-se às silhuetas de animais formados com as próprias mãos e projetados na parede. A surpresa foi grande ao saberem que com o teatro de sombras, elas poderiam ir mais além daquelas formas.

Nos primeiros encontros, uma das metodologias aplicadas foi a experimentação através da manipulação livre de silhuetas já prontas e com os focos de luz. Devido à tamanha ansiedade provocada pela descoberta, esta atividade se tornou a mais requisitada entre a turma, e contribuiu para o bom funcionamento das aulas.

Ao iniciarmos a aula com as seqüências de alongamento e aquecimento, muitos alunos mostraram resistências ao fato de mexer o corpo, e algumas vezes, em tocar o corpo do outro. O aquecimento geralmente é realizado com jogos teatrais, como o reconhecimento do espaço ou mesmo imaginar uma caminhada em diferentes superfícies, trabalhando a percepção, imaginação e principalmente a concentração, no sentido de tentar diluir diferentes bloqueios.

A confecção de pequenas telas, o “caça-sombras”, foi o passo decisivo para a apropriação das “técnicas” de caçada de sombras pelo pátio da universidade. As crianças saíram da sala de aula para procurarem formas, objetos e materiais interessantes cujas sombras pudessem ser refletidas através da pequena tela, pela luz do Sol. Surgiram imagens interessantes obtidas de garrafas plásticas, flores, folhas, e sucatas.

Trago agora a transcrição do relatório da aula em que empregamos esta metodologia:

*A aula iniciou às 8:35h com apenas quatro alunos, e dentro de dez minutos, os oito restantes*



*foram chegando e acompanhando o alongamento. Todos participaram das atividades para “acordar o corpo” com poucas resistências, e foi produtivo. Em seguida, o aquecimento foi realizado com entusiasmo e alegria, mesmo com os “erros” comuns aos que não conheciam a proposta do jogo “Quatro pra nada”. Durante o jogo, a atenção e a disponibilidade são fundamentais, o que não deixou de estar presente nesta busca por completar a tarefa. A proposta do trabalho na rua pressupõe um pouco de dispersão, porém conseguimos resultados positivos. Dividimo-nos em dois grupos que deveriam sair pelo campus em busca das sombras. De volta ao pátio central para a troca das experiências, deparamo-nos com constatações das próprias crianças: a posição do foco de luz influencia na forma da sombra; o próprio conceito de foco de luz; além da possibilidade de junção de diferentes objetos para a formação de uma sombra que não é mais a mesma. Noções tão fundamentais trazidas pelas curiosidades dos alunos mostram não só o interesse pela descoberta da linguagem, mas principalmente que a observação gerou a reflexão e, sobretudo a produção de conhecimentos. Ainda*

na rua, partimos para as possibilidades de formas com as sombras do próprio corpo, durante o jogo de “pega-sombra”, que consistia em um pegar a sombra do outro pisando sobre ela.

Foi divertido e cansativo, o que acabou por contribuir na concentração para a próxima atividade de descoberta de sombras individualmente. Surgiram formas curiosas: um monstro; uma rede com um homem deitado; olhos; tigres; elefantes e muito mais, que mentes tão férteis quanto das crianças pudessem ser capazes de criar. De volta à sala de aula, fizemos a mostra das sombras caçadas e um “bate-papo” sobre o trabalho feito na rua, levantando as curiosidades e reforçando as noções sobre as infinitas maneiras de criação de sombras.

Em seguida ao intervalo, iniciamos o exercício de transportar a sombra do corpo para o papel kraft. Ao som de uma música instrumental as crianças deveriam participar de todas as etapas: enquanto os professores contornavam a silhueta projetada no papel preso na parede, um aluno segurava o foco de luz, e o colega escolhia uma posição diferente da cotidiana para ser reproduzida no papel. Em seguida, cada um silenciosamente, recortava sua silhueta. Foi um ótimo exercício de concentração, quase “ritualístico”, pois o fascínio das crianças vendo sua sombra tomar diferentes proporções criou um estado de silêncio, aumentando a expectativa para as próximas aulas”.

Para dar continuidade ao exercício, buscamos um estado de concentração semelhante, deixamos a imaginação livre para que os alunos escrevessem sobre a silhueta qualquer coisa que viesse em mente. Em seguida, trocaram entre os colegas relatando as frases ou palavras preferidas.

Este relato corresponde ao início do trabalho realizado nesta turma. Na finalização, os próprios alunos construíram a dramaturgia através do jogo “continue a história”, com notícias de jornais, selecionando palavras-chaves e utilizando-as como pretexto para a criação de uma nova história. Desta etapa de construção dramatúrgica, passamos para a confecção das silhuetas dos personagens, utilizando um material simples, como o e.v.a., que de uma forma mais fácil que o papel sola, possibilita um manuseio mais seguro dos instrumentos, como a tesoura e o estilete.



### Reflexão e Aprendizado

O trabalho das cenas foi direcionado, mais precisamente à vivência do fazer teatral, que da apropriação de técnicas, portanto, falar sobre resultados neste caso torna-se um pouco difícil, já que esta iniciação está também relacionada à satisfação do aluno em ver o resultado de sua criação.



Toda a criação dos alunos é respeitada e discutida, para que suas idéias e sugestões sejam refletidas, e sempre consideradas como fundamentais para a realização de um trabalho coletivo como o teatro. Sendo assim, a principal conquista dos alunos, que participaram do segundo ano consecutivo da oficina, é, além de sua obstinação, a garantia de que neste espaço de aprendizagem eles têm o poder de transformarem sua realidade, trazendo para as aulas de arte muito de si e se reconhecendo como integrantes de um grupo.

Deste modo, acredito que o trabalho realizado trouxe muitos resultados, principalmente no que diz respeito ao acesso aos bens culturais e artísticos, trazendo as crianças para dentro da universidade, desmistificando-a; e, sobretudo, para o meu trabalho como educadora que cresce com cada aula, aprendendo mais do que ensinando.

Dentro ou fora do contexto escolar, refletir juntamente com os alunos deve ser uma prática básica e de responsabilidade dos arte-educadores. Em tempos de tecnologias de ponta se torna um desafio a mais, fazê-los despertar e acreditar em sua criatividade, mesmo com tantas formas de “brincar” já prontas e acabadas.

### Referências Bibliográficas

LESCOT, Jean Pierre. Da projeção da Luz Misturada à Matéria, Nasce o Teatro de Sombra. *Mamulengo* nº 14; Rio de Janeiro 1989.

LESCOT, Jean Pierre. Poesia e Amor no Teatro de Sombras. In: DAMIANAKOS, Stathis; *Theatres D'Ombres tradition et modernité*; Charleville Mézières, Institut International de la Marionnette, 1986, p.265-267. Tradução de Valmor Beltrame.

LIPMAN, Matthew. *A Filosofia na sala de aula*. São

Paulo: Nova Alexandria, 2001.

MONTECCHI, Fabrizio. *Viagem pelo reino da Sombras*. *Revista Malic* n°2, Barcelona 1992.

### Nota de Agradecimentos

Este artigo / relato contou a contribuição da coordenadora da oficina de artes cênicas, do Projeto de Extensão NUPEART, Maria de Fátima de Souza Moretti (Sassá); do Professor da disciplina de Teatro de Formas Animadas Doutor Walmor Beltrame (Nini); de Luiz César Lima, e dos alunos da oficina que proporcionaram esta experiência ímpar.